

SUROESTE revista de literaturas ibéricas

N.º 6. BADAJOZ, 2016

suroesterevista@gmail.com

C/ Virgen de Guadalupe, 7

06005 BADAJOZ

Director

ANTONIO SÁEZ DELGADO

Consejo de Redacción

ANTONIO FRANCO DOMÍNGUEZ

LUIS MANUEL GASPAR

GABRIEL MAGALHÃES

JAVIER RODRÍGUEZ MARCOS

Consejo Asesor

ELOÍSA ALVAREZ

FERNANDO PINTO DO AMARAL

JUAN MANUEL BONET

JORDI CERDÀ

PERFECTO CUADRADO FERNÁNDEZ

MARÍA JESÚS FERNÁNDEZ GARCÍA

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

MIGUEL ÁNGEL LAMA

MARTÍN LÓPEZ-VEGA

VÍCTOR MARTÍNEZ-GIL

JOÃO DE MELO

EDUARDO PITTA

ÁLVARO VALVERDE

Ilustraciones

DOROTHEA VON ELBE

ALMERINDA PEREIRA

FEDRA SANTOS

DANIEL MUÑOZ

MARTA DE GONZALO

PUBLIO PÉREZ PRIETO

Diseño

LUIS COSTILLO

Editan

JUNTA DE EXTREMADURA

SECRETARÍA GENERAL DE CULTURA

EDITORIA REGIONAL DE EXTREMADURA

FUNDACIÓN GODOFREDO ORTEGA MUÑOZ

Depósito Legal: BA-269/2016

I.S.B.N. 978-84-9852-474-1

Imprime

TECNIGRAF

SUROESTE CONSIDERARÁ LOS ORIGINALES RECIBIDOS, PERO NO MANTENDRÁ CORRESPONDENCIA SOBRE ELLOS NI SE COMPROMETE A SU PUBLICACIÓN.



JUNTA DE EXTREMADURA

Índice

POESÍA 5

ALBERTO ACERETE 7

XUAN BELLO 13

JOSÉ MANUEL BENÍTEZ ARIZA
Cuaderno de campo 19

JOSÉ BENTO 23

DIONISIO CAÑAS 25

BEN CLARK 29

BERTA GARCÍA FAET 31

JUAN LAMILLAR 35

LUIS LLORENTE 41

JOAN NAVARRO
Quatre poètiques 55

ROSA OLIVEIRA 61

AMADOR PALACIOS
Poemas 67

MATEO RELLO
Los ahogados 75

ANTONIO RIVERO MACHINA
Além do Tejo 83

ANTÓNIO SALVADO
Poemas 89

JUAN RAMÓN SANTOS
Magnífica desolación 95

MONTSERRAT VILLAR GONZÁLEZ 103

JOSÉ ANTONIO ZAMBRANO
Poemas 109

NARRATIVA 117

JOSÉ IGNACIO CARNERO SOBRADO
Ser otro 119

AVELINO FIERRO
El viaje de Salí 123

PATRICIA GONZALO DE JESÚS
La zona 127

JOSÉ MARÍA JURADO
Atlas apócrifo de Literatura Universal 129

JOSÉ VIALE MOUTINHO
A aldeia das pobres cobras 133

CLARA PASTOR
New Haven 139

SANTI PÉREZ ISASI
The road not taken 145



JORDI CERDÀ

Egito Gonçalves a José Agustín Goytisolo:
el testimonio de una *camadaragem* 153

ADRIANO DUQUE

*Sinfronías y correspondencias entre
Octavio Paz y Aquilino Duque* 171

MANUEL NEILA

El comienzo conversable
(SOBRE LA POESÍA ÚLTIMA DE JOSÉ LEZAMA LIMA) 175

VASCO ROSA

Joaquim Novais Teixeira,
um europeu do século XX 183

ENTREVISTA

PILAR DEL RÍO

Todos los nombres fueron Pilar
por JAVIER RIOYO 191

ELOÍSA ÁLVAREZ

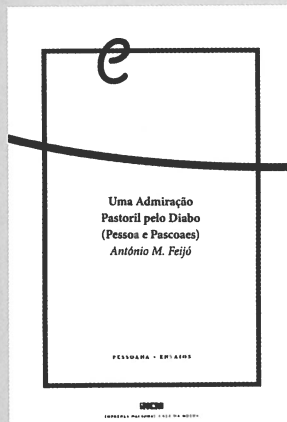
MARÍA JESÚS FERNÁNDEZ

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

MIGUEL ÁNGEL LAMA

ANTONIO RIVERO MACHINA

MIGUEL MOCHILA



Uma Admiração Pastoril pelo Diabo (Pessoa e Pascoaes)

ANTÓNIO M. FEIJÓ

Lx., Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2015.

Comece-se pelo título, que é um enigma. Nunca um título soou tão estranho e tão sem sentido como este. Porquê *uma admiração pastoril pelo Diabo* em livro dedicado a Fernando Pessoa e a Teixeira de Pascoaes? O autor no pórtico de abertura dá ao leitor uma indicação para a escolha. *O título do livro é uma citação do conhecido romance de Musil*, diz (p. 7). Homenagem pois ao romancista austríaco. Um enigma, porém, nunca pode ser só celebração – é também charada a necessitar duma chave interior. A adivinha decifra-se aqui trocando a palavra “diabo” por Pessoa. Logo: *uma admiração pastoril por Fernando Pessoa*. Mas *porquê pastoril*? Com certeza pelo destaque que o autor dá ao mais bucólico dos heterónimos, Alberto Caeiro – que em texto dado a conhecer em 1990 (*Pessoa por conhecer*, vol. II) o seu criador identifica com Lúcifer (p. 134).

Basta a interpretação do título para se perceber a riqueza do livro. São sete densos ensaios, seis dedicados ao universo de Fernando Pessoa e um, dividindo os outros em metades iguais, consagrado a Teixeira de Pascoaes. Trata-se pois dum livro maioritariamente pessoano mas dum pessoanismo novo, subtil, rico, estimulante, capaz talvez de renovar, e assim o desejo, um terreno de trabalho que se afundou há muito num vago marasmo documental, sem grande significado nem exaltação.

Os pontos fortes destes estudos sobre Pessoa são: a vasta erudição ânglica do autor, que lhe permite observar com nova pertinência um universo muito marcado por pretextos anglo-saxónicos; o recurso à cultura clássica – é notável por exemplo, no final do capítulo III (p. 75), o cruzamento da despedida (escrita) inglesa de Pessoa, já no hospital de S. Luís dos Franceses, *I know not what tomorrow will bring*, com um verso de Horácio (ode, IX 13), *quod sit futurum cras fugere quaerere*; o bom conhecimento que o autor tem da galáxia pessoana e o critério fluido, grandemente elegante, com que a convoca. Porém, o que é digno de nota no conjunto não são tanto os fios que apresenta, mas a forma como os combina, reabilitando tópicos, os mais anti-românticos em geral, que pareciam estafados.

Deixo para o fim Teixeira de Pascoaes, a quem Feijó dedica um dos sete ensaios do livro. A primeira observação a fazer, em livro subtintulado “Pessoa e Pascoaes”, é a desproporção de espaço dum e doutro; Pessoa tem seis de sete capítulos e Pascoaes apenas um, posto que ao longo dos três primeiros,

consagrados a Caeiro, ele surja, como era de esperar, com frequência. Já nos três últimos apenas se regista para Pascoaes uma brevíssima alusão, em nota de rodapé (p. 128). É muito pouco e parece-nos que no capítulo V, “Política sexual”, em que sobressai o *virgem negra* sexualizado por Cesariny, se perde boa ocasião de o convocar.

O capítulo sobre Pascoaes é todavia um estudo denso, articulado e desenvolvido, com observações certeiras, que soube escolher um Pascoaes singular, o pós-pessoano autor das biografias (1934-1945), que é aquele que mais desafia o futuro e o próprio Pessoa, que não teve tempo já de o absorver como “precursor”, categoria de eleição deste livro. O estudo retoma num quadro mais largo mas sem acrescentos essenciais o prefácio que o autor deu à reedição de *São Jerónimo e a Trovoada* (1992). Acrescentou-lhe agora uma nota final em que aproxima o pensamento de Pascoaes do de Harold Bloom. O paralelo entre o deicídio de Pascoaes e a teoria do pai e do filho em Bloom é fecunda e não levanta dúvida. Em todo o caso, esta curta nota (página e meia!) está longe de esgotar, e até de explorar com proveito, o sistema gnóstico dos dois escritores, que do lado português precisa de entrar em conta com um livro do mesmo período, *Duplo Passeio* (1942), a que Feijó nunca recorre, e saber que nem sempre o gnosticismo é o “sistema” de Pascoaes, que tende nos momentos mais tensos para um indeterminismo que parece já escapar àquele.

Por último a única ressalva séria que faço ao livro. Trata-se da Filosofia Portuguesa, que surge em dois momentos, o primeiro no capítulo III, o segundo no IV. Cito o primeiro (p. 62): *Pascoaes foi capturado por uma construção que a si mesmo se designa, numa aparente contradição nos termos, “Filosofia Portuguesa”*. É visível que o autor nunca leu Álvaro Ribeiro, que pouca atenção prestou a Pascoaes e que seria grave dar como seu discípulo, nem José Marinho, que esse, sim, dedicou muita leitura a Pascoaes mas sem “capturar”, sem se fazer servil e sempre acima de debilidades. Todavia este erro de juízo não chega – por ser apenas um pequeno nó num corpo mais vasto e muito mais pensado – para estragar as tantas e tão apreciáveis páginas que o livro tem.